

**ciclo OUTRA SOCIEDADE
À VOLTA DAS IDEIAS DE
IVAN ILLICH**

TEXTOS DE APOIO

excertos de *Para uma história das necessidades*, edições Sempre em pé,
2018:

«A reconstrução social começa com uma dúvida levantada entre os
cidadãos.» (p. 48)

O que é a convivialidade?

«Uso esse termo para designar a luta por uma distribuição equitativa da liberdade de gerar valores de uso e por uma utilização dos instrumentos dessa liberdade que passem pela atribuição de uma prioridade absoluta à produção daqueles bens industriais e profissionais que confirmam ao menos favorecido a maior capacidade de criar valores de uso.» (p. 34)

Uma sociedade de mercadorias

«A actual sociedade industrial organiza a vida em torno das mercadorias. As nossas sociedades de mercado intensivo medem o progresso material pelo aumento do volume e variedade das mercadorias produzidas. E tomando o nosso indicador com base nesse sector, medimos o progresso social pela distribuição do acesso a essas mercadorias. A economia foi desenvolvida como propaganda para a conquista do controlo pelos produtores de mercadorias em larga escala. O socialismo foi rebaixado a uma luta contra as desigualdades da distribuição [...]» (p. 38)

Ignorar os valores de uso

«O que as pessoas fazem ou praticam mas que não põem ou não querem pôr à venda é tão incomensurável e tão valioso para a economia como o oxigénio que respiram. A ilusão de que os modelos económicos podem ignorar os valores de uso brota do pressuposto de que essas actividades que designamos por verbos intransitivos podem ser indefinidamente substituídas por produtos básicos institucionalmente definidos como substantivos:

“educação”, em vez de “aprendo”, “cuidados de saúde” em vez de “eu curo-me”, “transportes” em vez de “desloco-me”, “televisão” em vez de “divirto-me”.» (p. 65)

Moderna subsistência

«O inverso da carência, necessidade e pobreza profissionalmente certificadas, é a moderna subsistência. [...] Designemos por moderna subsistência o estilo de vida que prevalece numa economia pós-industrial na qual as pessoas conseguiram reduzir a sua dependência perante o mercado, e o fizeram protegendo – por meios políticos – uma infra-estrutura social na qual técnicas e utensílios são primariamente usados para gerar valores de uso não quantificados e inquantificáveis pelos fabricantes profissionais de necessidades.» (p. 79)

A obsolescência programada

«Conheço uma área litoral da América do Sul onde a maioria das pessoas se sustentam pela pesca em pequenas embarcações. O motor fora-de-borda foi sem dúvida o utensílio que mais drasticamente mudou a vida desses pescadores do litoral. Mas na área que eu estudei, metade de todos os motores fora de borda comprados entre 1945 e 1950 estão ainda em funcionamento por meio de constante trabalho de manutenção simples, ao passo que metade dos motores comprados em 1965 deixou de funcionar porque esses motores não tinham sido construídos para serem reparados.» (p. 115/116)

Energia e democracia participativa

«Mal um país pobre aceita a doutrina que faz corresponder mais energia melhor gerida a mais bens para mais pessoas, esse país é capturado pela lógica da máxima produtividade industrial. Inevitavelmente, os pobres perdem qualquer possibilidade de virem a escolher tecnologias racionais quando decidem modernizar a sua pobreza aumentando a sua dependência energética. E quando aceitam um máximo de controlo social associado a um máximo de disponibilidade energética, os pobres negam a si mesmos a possibilidade de virem a ter tecnologias libertadoras e políticas participativas.» (p. 140/141)

excertos de *A convivialidade*, Europa-América, 1976:

«A produtividade conjuga-se em termos de ter, a convivialidade em termos de ser.» (p. 37)

O poder destrutivo da produção em massa

«Na fase avançada da produção em massa, uma sociedade produz a sua própria destruição. Desnaturaliza-se a natureza: o homem desenraizado, castrado na sua criatividade, fica fechado na concha individual. A colectividade passa a orientar-se segundo um jogo combinado de uma exacerbada polarização e de uma extrema especialização. A contínua preocupação por renovar modelos e mercadorias gera uma aceleração da mudança que destrói o recurso ao *precedente* como guia de acção. O monopólio do modo de produção industrial transforma os homens em matéria-prima elaboradora da ferramenta. Ora isto já é insuportável. Pouco importa que se trate de um monopólio privado ou público – a degradação da natureza, a destruição dos laços sociais e a desintegração do homem nunca poderão servir ao povo.» (p. 9)

Planificação e mercado

«A sociedade na qual a planificação central afirma que o produtor manda, tal como a sociedade em que as estatísticas pretendem que o consumidor é rei, são duas variantes políticas do mesmo domínio pelos instrumentos industriais em constante expansão.» (p. 23)

Relação industrial e relação convivial

«Por convivialidade entendo o inverso da produtividade industrial. Cada um de nós define-se pela relação com os outros e com o ambiente, assim como pela sólida estrutura das ferramentas que utiliza. [...] A relação industrial é reflexo condicionado, uma resposta estereotipada do indivíduo às mensagens emitidas por outro usuário que jamais conhecerá, a não ser por um meio artificial que nunca compreenderá. A relação convivial, por outro lado, sempre nova, é acção de pessoas que participam na criação da vida social. A mudança da produtividade para a convivialidade substitui um valor técnico por um valor ético [...]. Quando uma sociedade, não importa qual, repele a convivialidade para atingir um certo nível, transforma-se em presa da carência, dado que nenhuma hipertrofia da produtividade conseguirá satisfazer alguma vez as necessidades criadas e multiplicadas pela inveja.» (p. 25)

Socialismo e desenvolvimento

«Presentemente, os critérios institucionais sobre a acção humana são opostos aos nossos, inclusive nas sociedades marxistas, onde a classe operária se julga no poder. O planificador socialista rivaliza com o defensor

da livre empresa, na sua tentativa de demonstrar que os seus princípios asseguram a uma sociedade o máximo de produtividade. A política económica nos países socialistas define-se com frequência pela preocupação de aumentar a produtividade industrial. O monopólio da interpretação industrial do marxismo serve de barreira e de meio de chantagem contra toda a forma de marxismo heterodoxo. Falta ver se a China, depois da morte do presidente Mao, abandonará, também ela, a convivalidade produtiva, para se virar para a produtividade estandardizada. A interpretação exclusivamente industrial do socialismo permite aos comunistas e aos capitalistas falar o mesmo idioma, medir de forma similar o grau de desenvolvimento alcançado por uma sociedade.» (p. 43)

Meios de produção: propriedade privada e propriedade pública

«Outro erro consiste em crer que a frustração actual se deve principalmente à propriedade privada dos meios de produção e que a apropriação pública desses bens, através de um organismo central de planificação, protegerá os interesses da maioria e conduzirá a uma partilha equitativa da abundância. Este remédio proposto não mudará a estrutura anti-humana da ferramenta. Enquanto se atacar o trust Ford pela única razão de enriquecer o Sr. Ford, manter-se-á a ilusão de que as fábricas Ford poderiam enriquecer a colectividade.» (p. 44)